

Zona de transição: escutas e memórias de regeneração dos manguezais da Baía de Guanabara

Laís Mendes Toledo¹

Resumo: Este texto é um convite de escuta aos manguezais, estes em formas diversas: sufocados, aterrados, alagados, cheios de lama ou cobertos por concreto. Reflexões narrativas estéticas, políticas e cosmológicas que germinam dos mangues da Baía de Guanabara, no estado do Rio de Janeiro. A partir de uma abordagem transdisciplinar, não só como arsenal teórico mas como pesquisa e prática, ecoam linhas rizomáticas, tais quais as raízes respiratórias dos manguezais, que brotam sons de forças, regenerações, desafios e violências. De maneira dialógica, propõe uma conversa entre a história dos aterramentos, de encontro com a história de retomada do sufocamento dos mangues. Esses que resistem brutalmente à queda dos céus. Conecta em rede as diversas temporalidades, espacialidades, seres e saberes, tendo como comprometimento o bem-viver e resistindo às lógicas extrativistas, coloniais e etnocidas. Assim, valoriza as relações coletivas e mais que humanas, busca reconectar histórias, fortalecer saberes e promover rompimento da visão antropocêntrica do sistema colonial e capitalista, escutando e aprendendo com os fluxos de memória e do presente que as águas do mangue tem a nos falar.

Palavras-chave: [Baía de Guanabara; Manguezais; Memória; Cartografia; Regeneração]

Algumas considerações sobre os manguezais:

florestas costeiras. Suas árvores resistem a água salgada e ao solo alagado. Instável. Entre rio e mar. Planícies litorâneas que são invadidas pelas marés. Noventa e dois por cento do litoral brasileiro. É mangue desde a Foz do Rio Pó no Amapá até Laguna em Santa Catarina. Terra podre e maresia. Glândulas expulsam o excesso de sal. Lama. Raízes aéreas. Polimorfo. No meio do trópico. Os galhos. Na maré baixa firma em solo instável. Enxofre. Ou caem na maré alta e se levam pela correnteza. Úmido. Transmissão entre o meio marinho e terrestre. As folhas das árvores caem. Unidas. Inauguram um reservatório de matéria orgânica. O início de um fluxo de energia. Primórdios de uma teia alimentar. Raízes respiratórias. Se adaptam entre lama e céu. Peixes, crustáceos, moluscos. Alimento. Sobrevivência. Madeira, argila. Barcos, tijolos. Flores, abelhas e mel. Tarrafas, manzuás, espinhal. Cascas de árvores, tintas e caranguejos. Doze por

¹ Especializanda Ciência, Arte e Cultura na Saúde - Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz

cento da Terra é mangue. Já fomos mangues. Transmissão entre o meio marinho e terrestre. Coberto por concreto. Pisamos em mangues sem sentir os pés frios. Como no concreto que queima a sola em dia de sol. O concreto expande e concentra, molha e seca, fica quente e abafa. Sufoca. Mata. Aterro.

#

O presente texto é a continuidade de um percurso de pesquisa iniciado na relação corpo-baía e corpo-cidade-mangue. Ele se configura como um ensaio cartográfico, não apenas no sentido literal, mas como um mapeamento social, ecológico, histórico e cosmológico do território. A escolha do termo ensaio reflete a natureza exploratória e transdisciplinar da pesquisa, que se move entre o campo da antropologia, da ecologia, das artes e do cuidado, articulando diferentes modos de escuta e formas de conhecimento.

Esta publicação busca contar a trajetória da pesquisa: de onde ela vem, das primeiras observações e registros das áreas de mangue, das histórias orais e das narrativas locais, até o lugar que pretende alcançar – a construção de uma cartografia social da Baía de Guanabara. A ideia central é tornar visível não apenas a configuração física da baía, seus aterros, canais e margens alteradas, mas também as redes de relações que atravessam o espaço, conectando seres humanos, mais-que-humanos, fluxos de memória, saberes tradicionais e histórias de resistência.

Ao longo do ensaio, as linhas rizomáticas dos manguezais – suas raízes respiratórias, suas águas e sedimentos – funcionam como metáforas e guias metodológicas. Elas orientam a pesquisa, permitindo que a cartografia social capture não apenas dados geográficos, mas também os fluxos de vida e memória que atravessam a baía. Ao dar forma a esta cartografia, o ensaio propõe uma leitura plural do território, rompendo com abordagens puramente antropocêntricas e convidando a refletir sobre modos de cuidado, regeneração e bem-viver.

Assim, o ensaio cartográfico não se limita à descrição do espaço; ele é também um convite à escuta, à contemplação das transformações históricas e ecológicas, e à valorização das práticas coletivas e mais-que-humanas que tornam a Baía de Guanabara um território vivo. Ele se move entre passado e presente, entre memória e resistência,

apontando caminhos possíveis para ações de regeneração socioambiental, ao mesmo tempo em que fortalece a compreensão dos saberes que emergem de um espaço marcado por violências históricas e transformações urbanas.

O ensaio propõe uma escuta transdisciplinar dos manguezais, entendidos como linhas rizomáticas que conectam corpos humanos e mais-que-humanos, memórias coletivas e forças invisíveis do território. As raízes respiratórias do mangue funcionam como metáforas e guias para compreender a resiliência do ecossistema, a resistência à urbanização e a capacidade de regeneração frente às transformações históricas. Ao mesmo tempo, essas linhas rizomáticas revelam os impactos do concreto, do aterro, da poluição, articulando uma reflexão sobre os limites impostos pela lógica extrativista e colonial.

Tecendo sobre a nutrição das raízes da pesquisa, pensa-se alguns fundamentos e perspectivas como propositores de possibilidades, caminhos e também desvios. Assim, se apresenta o conceito de agenciamento que se dá a partir da materialidade das conexões, de elementos heterogêneos em um determinado domínio espacial e temporal com conexão e expressividade.

Para Deleuze e Guattari (2012) os agenciamentos são, em primeiro lugar, territoriais. Há sempre uma territorialidade a ser descoberta, explorada. O agenciamento, mais que um conceito, é um operador, um dispositivo. Ele é composto pela tetravalência de seus eixos. Um dos eixos se compõe de um sistema semiótico, um regime de signos, chamado de expressão. O outro pólo é formado por um sistema pragmático, as ações e paixões, o conteúdo. Os outros eixos são relativos à territorialização e a desterritorialização.

As regras concretas de agenciamento operam, pois, segundo esses dois eixos: por um lado, qual é a territorialidade do agenciamento, quais são o regime de signos e o sistema pragmático? Por outro lado, quais são as pontas de desterritorialização, e as máquinas abstratas que elas efetuam? Há uma tetravalência do agenciamento: 1) conteúdo e expressão; 2) territorialidade e desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 234).

Por sua vez o território não se esgota no espaço materializado ou conceito geográfico, ele está também entre aquilo que não é visto, mas compartilhado e construído invisivelmente por todos os elementos heterogêneos que ocupam o mesmo espaço-tempo. O território para Deleuze e Guattari (1997) é a conjunção em verbo, é o próprio ato de territorializar. Ele não se esvazia na materialidade, mas também não se constrói unicamente na interioridade de cada pessoa.

Ao comentar sobre o conceito de território, Alvarez e Passos (2009) colocam que: “o território é uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos como qualidades próprias que, não sendo indicações de uma identidade, garantem a formação de um certo domínio.” (2009, p.133).

Assim entende-se os agenciamentos como produção de conexão, de subjetividade encarnada em um certo território, em uma dimensão temporal, com expressividade. É possível compreender que os agenciamentos territoriais promovem meios, que não estão nem somente na materialidade como tão pouco na subjetividade individual. É a relação que funda o território, é mais que o meio que se compõe das relações subjetivas com o preenchimento material do espaço, expressas em ações simultâneas. Ou seja, é além das relações subjetivas com o meio externo e as ações.

Outro conceito norteador será a afirmação de uma pesquisa rizomática. A figura do Rizoma, uma formação de raiz, é atribuída em conceito de Deleuze e Guattari e expressa ilustrativamente a base desse trabalho. Na botânica, o rizoma é descrito como um caule subterrâneo, podendo ter proliferações áreas e de crescimento horizontal. É uma raiz diferente daquela raiz padrão que aprendemos na escola, pois ela tem um crescimento polimorfo, ela cresce horizontalmente e em múltiplas direções.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.17)

As linhas rizomáticas de uma pesquisa de costura, em que suas linhas narram composições de agenciamentos múltiplos e polimorfos a partir do encontro. Como as conexões entre as árvores e raízes que se comunicam pelo território, pela terra, mesmo

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

que por debaixo da terra, como podemos ver no livro “A vida secreta das árvores: o que elas sentem e como se comunicam.”, do autor Peter Wohlleben.

Neste espaço, a zona de transição não é apenas um conceito geográfico ou ecológico, mas um convite para repensar relações de coabitação, modos de vida e formas de conhecimento. Ao considerar o manguezal como ator, o ensaio reconhece a importância da escuta sensível da percepção de fluxos e do aprendizado a partir das águas que percorrem a baía, carregando memórias de vida, violências e resistência.

Assim, as linhas rizomáticas das raízes respiratórias funcionam como metáforas vivas para compreender a rede de relações entre seres humanos, animais, plantas e fluxos de água. Esta escuta revela forças de regeneração, resistência e memória, mostrando que o mangue não é apenas um ecossistema, mas também um território de aprendizado e reconexão.

Ao longo da história, as águas da Baía carregaram registros de fartura, conflitos e abandono. Os manguezais, mesmo sufocados por aterros e concretos, persistem como atores ativos, respondendo às transformações do território. Essa persistência permite que a escuta transdisciplinar perceba temporalidades sobrepostas: a memória dos modos de vida tradicionais, os efeitos da urbanização e as práticas contemporâneas de cuidado socioambiental.

As práticas de escuta não se limitam à observação científica; envolvem diálogo com saberes locais, experiências sensoriais e percepções estéticas. Como propõe Guattari (1990) em *As Três Ecologias*, compreender a ecologia mental, social e ambiental de um lugar exige atenção aos fluxos invisíveis e às forças emergentes, reconhecendo interdependências entre todos os atores do território. Haraway (2016) complementa ao afirmar que formas de conhecimento e convivência mais-que-humanas podem redefinir as estratégias de preservação, permitindo que humanos aprendam com os ritmos da natureza.

A escuta também se manifesta na memória das águas urbanas, conectando manguezais a rios como o Rio Maracanã e o Rio Carioca. Esses cursos d’água transportam resíduos e histórias, evidenciando tanto a violência ambiental quanto a resiliência do ecossistema. Observando essas dinâmicas, percebe-se que a regeneração não é apenas

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

biológica, mas também social e cultural, fortalecendo comunidades, saberes e práticas coletivas que resistem às lógicas extrativistas e coloniais.

A abordagem cartográfica ainda permite diálogos entre temporalidades: os manguezais reagem aos aterros passados, às poluições recentes e às iniciativas de restauração contemporânea. Essa interação contínua evidencia a necessidade de estratégias integradas de cuidado, que considerem as conexões entre humanos e mais-que-humanos, memória e futuro, estética e política.

Finalmente, a escuta transdisciplinar revela o potencial poético do território, mostrando que as forças de regeneração podem emergir do diálogo entre ciência, saberes tradicionais e práticas comunitárias. As raízes respiratórias, os troncos e as águas do mangue tornam-se guias para compreender como resistir, reconstruir e reconectar o tecido ambiental e social da Baía de Guanabara, promovendo bem-viver e fortalecendo saberes plurais.

O ensaio propõe que a regeneração dos manguezais da Baía de Guanabara não pode se restringir à perspectiva humana. Nesse sentido, os mangues, as águas, a fauna, os sedimentos e os fluxos de nutrientes são tratados como atores ativos, olhados pelas perspectivas de sujeitos de direitos, capazes de influenciar e reconfigurar o território. Essa visão descentrada do humano rompe com lógicas coloniais e capitalistas, aproximando-se das ideias de Latour (2012) sobre a agência de entidades não humanas e de Viveiros de Castro (2014) sobre perspectivas cosmológicas indígenas que integram todos os seres em uma rede de interdependência.

A cartografia das relações mais-que-humanas evidencia a interconexão de temporalidades e espacialidades. O passado dos aterros, a memória das comunidades tradicionais e as tentativas contemporâneas de regeneração coexistem, formando uma teia rizomática de saberes e práticas. Essa abordagem permite compreender a Baía de Guanabara como um território vivo e pulsante, no qual cada elemento, mesmo o aparentemente inerte, contribui para os processos de resistência e regeneração.

As práticas de cuidado e escuta incorporam tanto saberes científicos quanto cosmologias locais, como os conhecimentos de povos tradicionais e comunidades quilombolas próximas à baía. Krenak (2019) reforça a importância de aprender com os modos de vida dos mais velhos e com os ecossistemas.

A Baía de Guanabara, portanto, aparece como um campo rizomático de relações, no qual o tempo não é linear, mas fragmentado e sobreposto, conectando o passado das transformações ambientais com os processos contemporâneos de regeneração. A história dos aterros, como o Canal do Mangue, e dos rios urbanos, como o Maracanã e o Carioca, evidencia a violência ambiental, enquanto práticas coletivas de cuidado, mapeadas no Quilombo do Feital, no município Magé, ressoam sobre a restauração dos manguezais e representam a resistência e a capacidade de reconexão com modos de vida mais sustentáveis.

A Baía de Guanabara

De origem Tupi, seu nome narra diversas histórias, alguns dizem que se chama assim de Iguaá-Mbara [Iguaá = enseada de rio; mbará = mar], outros dizem que seu nome remete ao símbolo de fartura e alimento: Mar de Seio [Guana = seio; bara = mar]. Ainda, já ouvi dizer que na verdade ela era chamada de Guanãpará e significa baía como o mar [gua = baía; ã = como; pará = mar], assim como ela é.

É símbolo nacional internacionalmente conhecido e protegido desde 2012 pela ONU com patrimônio da humanidade. Apesar disso, os esgotos de 8,5 milhões de pessoas e 4000 indústrias no Rio de Janeiro e mais 15 municípios chegam à Bahia e são 18.000 litros de esgoto não tratado por segundos desejado nela diariamente. (ALENCAR, 2021, p.9)

A Baía de Guanabara, situada no estado do Rio de Janeiro, configura-se como uma zona de transição viva, onde os fluxos aquáticos, terrestres e urbanos se entrelaçam com as forças ecológicas, sociais e cosmológicas. Essa paisagem é atravessada por múltiplos tempos e espacialidades: desde a formação geológica da baía até a ocupação urbana e industrial contemporânea, passando por modos de vida tradicionais ligados à pesca, à marisqueira e à relação com os manguezais. A complexidade deste território exige abordagens que transcendam a dicotomia natural/cultural, contemplando tanto os aspectos ecológicos quanto os cosmopolíticos que informam a resistência e regeneração do manguezal.

Diversos povos indígenas habitavam a região da Guanabara no século XVI. Segundo relatos históricos, a área era ocupada principalmente por tribos pertencentes ao tronco linguístico tupi, como os tamoios e os maracajás. Os maracajás estavam relativamente isolados na região correspondente à atual Ilha do Governador, onde se contabilizavam cerca de 36 aldeias. (ALENCAR, 2021, p.9)

Já com a fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565, por Estácio de Sá, a ocupação do Recôncavo da Guanabara passou a se estruturar em torno da monocultura da cana-de-açúcar. Os rios da região desempenharam papel essencial tanto na ocupação territorial quanto no escoamento da produção dos engenhos. O escoamento da produção mineral era feito por meio do Porto do Rio, o que contribuiu para a ocupação total do litoral carioca — da Glória à Gamboa.

A atual Escola Naval da Marinha, antigamente chamada de Forte Coligny fazia parte do projeto francês de fundar a França Antártica, uma colônia militar e comercial, cuja função estratégica era facilitar o controle do comércio com os indígenas e desafiar a hegemonia portuguesa na região. (ALENCAR, 2021, p.11)

Em 1811, o príncipe regente, atento ao crescimento urbano, incentivou a ocupação da área chamada Cidade Nova, isentando do imposto do "décimo urbano" as construções realizadas ali. Essa região era chamada de Pântano, pela aparência alagada e lamacenta. Houve também, embora de forma incipiente, o reconhecimento da necessidade de drenagem e aterro das áreas pantanosas, com vistas à melhoria das condições de saúde pública. Assim, em 1857, iniciaram as obras que levaram a morte da Lagoa Sentinela.

Figura 1. Canal do Manguê

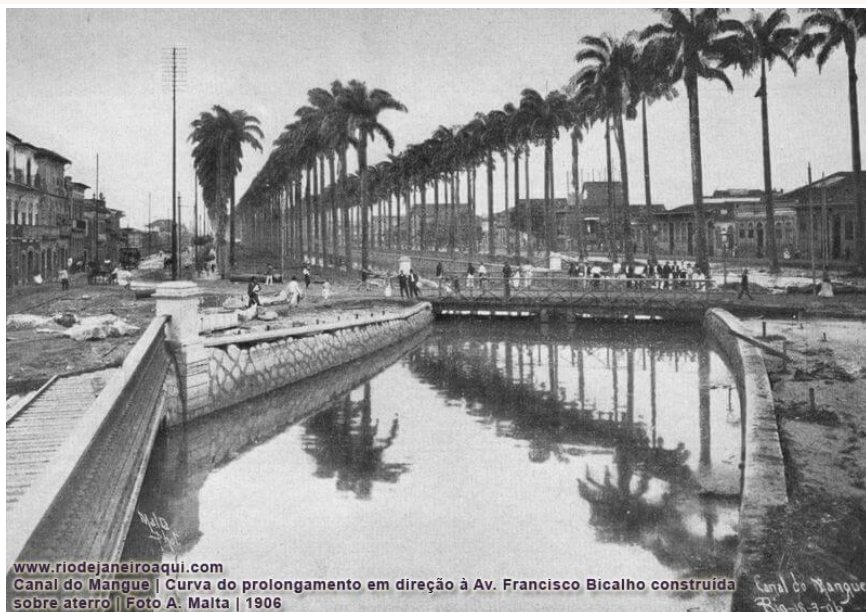
10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Fonte: Diário do Rio

Anos depois, seguiram com transformações urbanas na região do antigo alagado de São Diogo, entre a Praça XV e a atual Avenida Francisco Bicalho, que passou por obras de canalização a pedido do Barão de Mauá.

No século XX, especialmente a partir da década de 1940, diversas obras refletem o ideal de progresso associado à modernização urbana. A abertura da Avenida Brasil em 1946, ligando o centro do Rio aos subúrbios, bem como a construção do Aeroporto Santos Dumont e da Cidade Universitária, são marcos dessa fase. Também é dessa época o Aterro do Flamengo, que completa 60 anos em 2025, com cerca de 1,2 milhão de metros quadrados. O Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro localizado na Ilha do Governador e atualmente nomeado Galeão – Antônio Carlos Jobim, foi inaugurado em 1977, consolidando ainda mais a importância da região no contexto urbano e logístico do país. (ALENCAR, 2024)

Figura 2. Projeto do governo Medici para aterramento da Baía de Guanabara

10ª ReACT

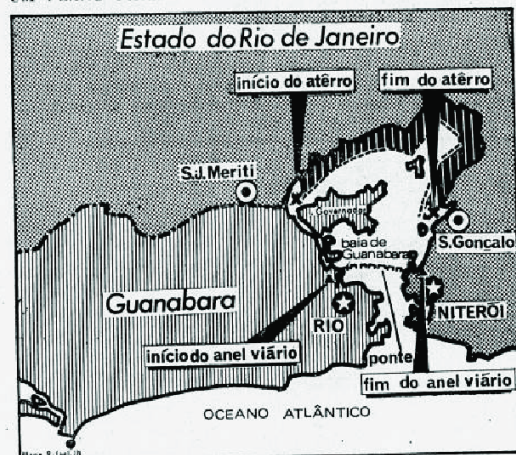
REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

UM PLANO PARA 1971



Elaborado com base nas informações prestadas pelo Ministro dos Transportes, este mapa dá uma ideia do que seria o aterro projetado para os fundos da baía da Guanabara. Começando em lotes de 100 quilômetros quadrados, os módulos se sucederiam, ligando uma área que iria de S. J. de Meriti a S. Gonçalo

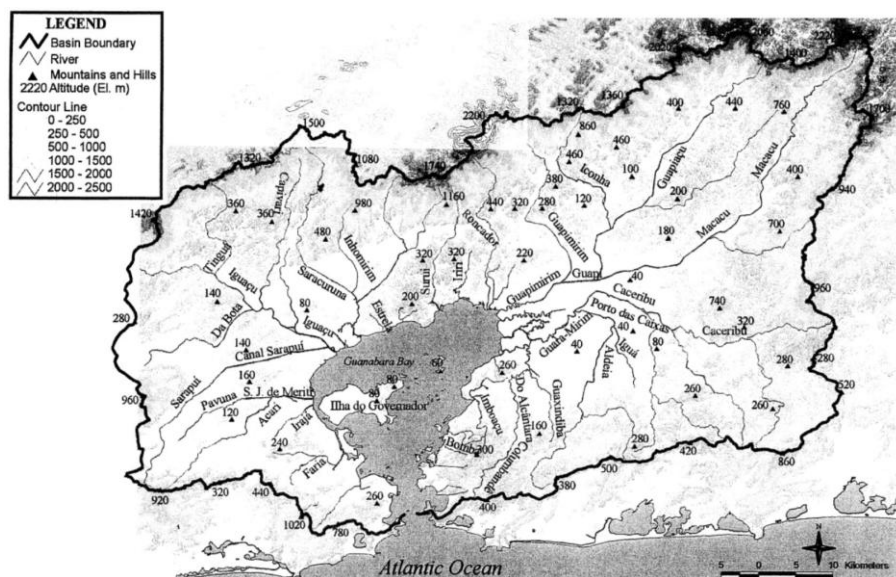
Andreazza confirma aterro para a baía da Guanabara

Fonte: jornal Brazil (Misse, 2025)

O concreto, símbolo da urbanização acelerada, atua como uma força sufocante, restringindo a respiração dos mangues e interrompendo processos de regeneração natural. Ao mapear essas transformações, o ensaio evidencia a urgência de estratégias de recuperação e de escuta das águas e do solo, reconhecendo que a memória do mangue é também memória da cidade.

As águas da Guanabara

Figura 3. Os rios que deságuam na Baía de Guanabara



Fonte: Pacific Consultants International (UMCE, 2025)

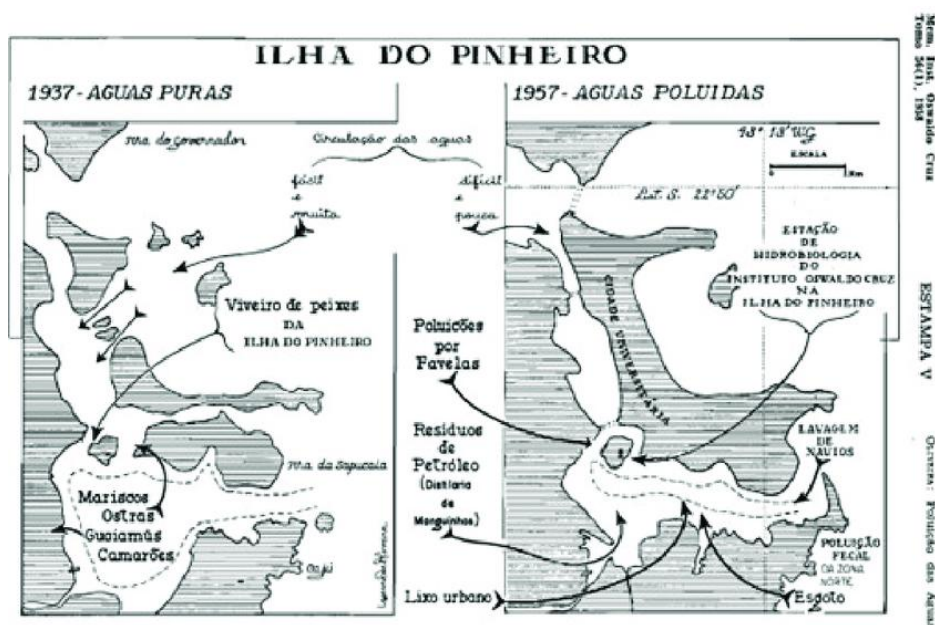
O Mangue do Saco de São Diogo foi historicamente reduzido por aterros sucessivos, resultando na diminuição de áreas de pesca e marisqueira tradicional. O Rio Maracanã e o Rio Carioca, atravessando diferentes bairros, carregam histórias de poluição, abandono e descarte de resíduos urbanos.

O Rio Carioca, que nasce no morro do Corcovado e deságua na Baía de Guanabara, foi um dos principais rios da cidade do Rio de Janeiro, desempenhando papel crucial no abastecimento de água durante os primeiros séculos da colonização. Com o crescimento urbano acelerado entre os séculos XIX e XX, o rio passou a ser cada vez mais utilizado como esgoto a céu aberto, tornando-se foco de graves crises sanitárias que afetaram a saúde pública da cidade. Diante da incapacidade de tratar os resíduos e implantar soluções de saneamento adequadas, o poder público adotou uma estratégia de ocultação: canalizou e aterrou grande parte do leito do rio, especialmente nos bairros do Cosme Velho e do Flamengo, transformando-o em um curso subterrâneo invisível, mas ainda poluído.

Nas últimas décadas, porém, o Rio Carioca tem sido redescoberto por meio da mobilização de movimentos sociais, coletivos ambientais e moradores da região. A população junto a movimentos sociais passaram a promover ações de educação ambiental, arte pública e caminhadas de reconhecimento do leito original do rio, trazendo

à tona sua memória histórica e sua importância ecológica. Essas iniciativas demonstram a força do poder popular na reconstrução do vínculo entre cidade e natureza, e pressionam o poder público a pensar em soluções reais de despoluição e recuperação dos rios urbanos. O Rio Carioca, mesmo em boa parte soterrado, tornou-se símbolo de resistência e de um novo olhar sobre o território carioca. Hoje em dia sua nascente foi recuperada e segue brotando do chão, misteriosa, quase ninguém sabe onde ela está, precisa se esconder para se proteger.

Figura 4. Mapas de Lejeune identificando os focos de poluição na baía da Guanabara



Fonte: Oliveira (1957) (Misse, 2024, p.131)

Desde 1957, Leujeune registra os impactos da Baía de Guanabara. Na imagem acima, podemos ver a incursão de mariscos para lixo urbano, além da modificação geográfica alterada. Poluição por favelas é um termo frequentemente encontrado nos registros da época. Fala-se do escoamento de lixo e desejos orgânicos, porém não tratam como lixo urbano. No mapa, a região destacada como *poluição por favela* refere-se ao complexo da Maré, território até então negligenciado pelo poder público e com graves questões sanitárias e de lixo.

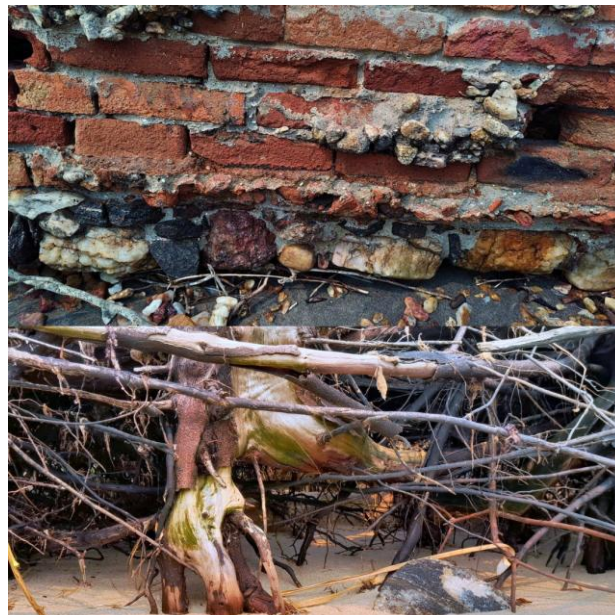
O processo de aterramento não foi homogêneo, ocorreu de forma fragmentada e desigual, criando espaços de resiliência e resistência. Trechos ainda preservados revelam

a capacidade do ecossistema de recuperar-se parcialmente, mesmo sob pressão humana intensa. Esses espaços funcionam como “ilhas de resistência” e representam uma conexão rizomática entre o passado e o presente, entre os modos de vida tradicionais e as tentativas contemporâneas de regeneração.

As análises históricas e geográficas combinadas com observações ecológicas permitem compreender como a Baía de Guanabara se tornou um território de transição contínua, onde concreto e mangue coexistem em tensão. O ensaio propõe que a leitura cartográfica seja acompanhada de uma escuta sensível e estética, capaz de revelar não apenas a violência, mas também as possibilidades de regeneração e diálogo entre os humanos e o mais-que-humano. Reconhecendo a continuidade de relações de respeito e reciprocidade com a natureza. Esses saberes possibilitam identificar os sinais de regeneração e compreender o impacto das ações humanas sobre os fluxos naturais, promovendo estratégias de gestão ecológica e social integradas.

Fragmentos regenerativos

Figura 5. Respiro do Concreto



Fotocologem própria, 2024

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Restam trinta. Fiéis às suas águas de origens, restam trinta. Os botos cinzas da Baía de Guanabara, representam um símbolo da devastação humana sobre a Baía de Guanabara. São seres que enfrentam a permanência em seus territórios, eles ficam. Se intoxicam com a poluição da baía. Mas resistem. Resistem aos sons desorganizantes das plataformas de extração de petróleo, das máquinas, dos cruzeiros, dos motores todos que rojam diesel nas entranhas da baía.

#

Magé é um resguardo da Guanabara. Região com maior manguezal que resistiu a devastação do concreto e seus ideais. Território do Quilombo do Feital. Esse que relembrou o feitio do colorau e a força do caranguejo. Resgataram memórias, nutriram suas potências e colheram o bem viver. É de Magé à São Gonçalo a Área de Preservação Ambiental, que trabalha na construção da regeneração dos manguezais. Esses que sustentam a vida da baía de Guanabara. Local dos botos, que se aconchegam em quem sabe de transição.

#

Me lembro quando comecei a remar na Baía de Guanabara, cada dia era uma nova paisagem marinha. Íamos sempre à praia do morcego, uma curva na costa contornada pela pedra do morcego. Lá a água era sempre límpida. Outra vez, fomos mais, sentido Juruçuba, onde a baía encontra o mar aberto. Eram quilômetros de água banhada de óleo. Brilhoso, lilás e um claro sinal de perigo à vida. Algumas vezes remando na Guanabara vi peixes sufocados. A poluição tira o ar do mar, amontoados eles sobem à superfície para respirar. Quantas áreas proibidas, quantas praias particulares da marinha. Fortes e canhões foram usados contra nós mesmos expostos para fotos sorridentes. Me lembro do dia da ponte Rio-Niterói, chovia e era o último dia do ano. De repente tudo estava gigante e éramos minúsculos ao pés das máquinas, barcos, plataformas e cruzeiros. O mar faz isso com a gente, de longe nos engana. E quando a gente chega perto descobre a imensidão.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Foi também remando na Guanabara que vi peixes voadores noturnos, cardumes de águas vivas, pedras tomadas de árvores, cuidados por seus habitantes temporários

Figura 6. Pássaro



Fotografia original, 2021

pássaros.

#

A possibilidade de uma prática que busca o rompimento antropocêntrico também se manifesta na valorização das relações coletivas. O cuidado com os manguezais não é individual, mas compartilhado, articulando comunidades humanas e não-humanas em práticas de preservação, monitoramento e restauração. As raízes respiratórias dos mangues e os troncos expostos tornam-se instrumentos de observação e aprendizagem,

indicando pontos de regeneração, áreas de sufocamento e caminhos para a restauração ecológica.

Essa perspectiva descentrada sugere ainda uma ética do bem-viver, na qual o sucesso da regeneração não é medido apenas pela recuperação ambiental, mas também pelo fortalecimento de redes sociais e ecológicas. A relação entre humanos e mangues torna-se, assim, dialógica e interdependente, propondo novos modos de habitar, perceber e interagir com o território da baía de Guanabara.

Por fim, o ensaio evidencia que a transformação do território depende da integração de saberes, escuta sensível e práticas de cuidado compartilhadas, rompendo a lógica antropocêntrica e promovendo a coabitação de todos os seres. Esse olhar fortalece o compromisso com a regeneração ambiental, a preservação cultural e o reconhecimento da agência de elementos mais-que-humanos no processo de resistência e bem-viver.

O ensaio cartográfico sobre os manguezais da baía de Guanabara conecta diversas temporalidades, espacialidades, seres e saberes, mostrando que o território é ao mesmo tempo histórico, ecológico, social e cosmológico. A escuta transdisciplinar pode compreender o manguezal como zona de transição viva e pulsante, onde a memória das águas, a resistência das raízes respiratórias e a regeneração do ecossistema se articulam em um contínuo diálogo entre passado, presente e futuro.

As práticas de escuta, registro e cartografia evidenciam a necessidade de valorizar relações coletivas e interespécie, rompendo a lógica antropocêntrica que historicamente orientou a ocupação e exploração da Guanabara. Ao integrar saberes tradicionais, cosmologias e abordagens científicas contemporâneas, a pesquisa visa fortalecer a compreensão do território e dos processos de regeneração, revelando que a recuperação ambiental depende da interdependência entre humanos, manguezais e fluxos de água.

As águas do mangue, ao transportar memórias e forças de regeneração, funcionam como instrumentos de aprendizagem e de ação, sinalizando áreas críticas e evidenciando potenciais de recuperação. A pesquisa pretende revelar que a regeneração não se limita ao ambiente físico, mas inclui processos sociais e epistemológicos, articulando diálogo entre saberes, práticas e atores múltiplos em uma rede rizomática de cuidado.

Por fim, o ensaio reafirma que o retorno das águas é também retorno de memória, resistência e conhecimento. Ao ouvir e aprender com os manguezais da baía de

Guanabara, é possível reconstruir conexões interrompidas, promover práticas de preservação e regeneração e reafirmar o compromisso com relações de respeito e reciprocidade entre todos os seres que habitam ou habitaram a zona de transição. A baía de Guanabara permanece, assim, um espaço vivo de aprendizado, ação e convivência, capaz de orientar políticas, práticas comunitárias e reflexões transdisciplinares para um futuro mais sustentável e justo.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Emmanuel. Baía de Guanabara: descaso e resistencia. 2ed. Rio de Janeiro, Mórula, 2021.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? : ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro — Cultura & Barbárie / Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, G. Conversações. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HARAWAY, Donna J. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social : uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA / EDUSC, 2012.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MISSE, Michel. Da questão sanitária à ambiental: defasagem de esgotamento e emergência da poluição no Rio de Janeiro, 1957-1975. Revista Brasileira de História da Ciência, v. 17, n. 1, 2024. Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/1014>. Acesso em: 20 out. 2025.

OS RIOS DA BAÍA DE 2016GUANABARA. Diagnóstico do estado da Baía de Guanabara. Disponível em: [https://www.umces.edu/sites/default/files/Os Rios da Baía de Guanabara_The Rivers of Guanabara Bay.pdf](https://www.umces.edu/sites/default/files/Os%20Rios%20da%20Baía%20de%20Guanabara_The%20Rivers%20of%20Guanabara%20Bay.pdf). Acesso em: 14 out. 2025.

WOHLLEBEN, P. A vida secreta das árvores: o que elas sentem e como se comunicam. São Paulo: Sextante, .